



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**  
**INSTITUTO DE LETRAS – IL**  
**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET**  
**LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO MULTILINGUISMO E À SOCIEDADE**  
**DA INFORMAÇÃO – LEA-MSI**

**AÇÕES DE FORTALECIMENTO LINGUÍSTICO E CULTURAL:**  
**AS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS NAS MÍDIAS**

**Brasília**  
**2023**

**EDUARDO MOREIRA DOS SANTOS**

**AÇÕES DE FORTALECIMENTO LINGUÍSTICO E CULTURAL:  
AS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS NAS MÍDIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação – LEA-MSI, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em LEA-MSI.

Orientador: Prof. Dr. Ariel Pheula do Couto e Silva

**Brasília  
2023**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**  
**INSTITUTO DE LETRAS – IL**  
**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET**  
**LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO MULTILINGUISTO E À SOCIEDADE**  
**DA INFORMAÇÃO – LEA-MSI**

**Ações de Fortalecimento Linguístico e Cultural:**  
**As Línguas Indígenas Brasileiras nas Mídias**

**Eduardo Moreira dos Santos**

Banca Examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ariel Pheula do Couto e Silva (Presidente)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (Membro Interno)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Susana Martínez Martínez (Membro Interno)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Chandra Wood Viegas (Membro Externo – Suplente)

**Brasília**  
**2023**

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade de Brasília pela oportunidade de realização da graduação em Línguas Estrangeiras Aplicadas.

À banca examinadora, professoras Ana Suelly Cabral, Susana Martinez e Chandra Viegas, pela generosidade em contribuir pela melhora do trabalho com observações pertinentes para uma pesquisa mais precisa.

Ao professor Cesário Alvim Pereira pelo empenho me auxiliando na escolha do pré-projeto e também no suporte por meio da coordenação do curso de LEA-MSI.

Ao Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/UnB) pelo espaço de aprendizado, e à Profª. Ana Suelly e ao Prof. Aryon Dall’Igna Rodrigues, pelo vasto conteúdo produzido e compartilhado sobre línguas as indígenas brasileiras.

Ao meu orientador, Ariel Pheula do Couto e Silva, por ter me apresentado o quão interessante são as línguas indígenas, desde o meu primeiro contato em Introdução a Linguística, em 2019. Ao suporte oferecido através de métodos de ensino acolhedores e que despertaram não somente a busca pelo conhecimento, mas também uma identificação do que me encontraria na vida acadêmica. Agradeço pelos convites para eventos de linguística onde pude aprender com outros colegas, tendo experiências enriquecedoras para a minha compreensão sobre a área. Por fim, agradeço também imensamente por todo apoio durante o TCC, desde o pré-projeto até as reuniões finais sempre agregadoras no Café das Letras e no LALLI, que com total certeza foram cruciais para minha execução do projeto.

Aos amigos e colegas da graduação Tainara, Samuel, Cintia, Luan, Giovana e Dally, que tornaram a minha experiência durante o período muito mais aconchegante e que me deram suporte e auxiliaram a chegar na finalização.

Aos amigos e colegas fora da UnB, Roberth, Mateus e Yago pelos anos de amizades que acompanharam toda minha trajetória de estudo desde o fundamental aos dias atuais, e sempre me incentivaram a alcançar meus objetivos acadêmicos.

À Mariana da Silva pelos serviços prestados para conseguir desenvolver-me e tirar o melhor proveito da graduação, a fim de encarar os obstáculos da graduação de forma mais leve.

À Sarah Evellyn pelo suporte em momentos de dificuldade na graduação, onde pude ter não somente um apoio, mas também auxílio no enfrentamento de adversidades durante o processo de estudos, que foi essencial para a não interrupção do curso.

Agradeço a minha família pelo apoio durante a graduação, em especial a minha mãe Eliana Moreira que me serviu de alicerce para continuar minha graduação, prestando suporte em todos os momentos e que graças a ela me tornei a primeira pessoa com ensino superior da família.

Por fim, agradeço a todos os demais que me auxiliaram nessa pesquisa direta ou indiretamente, mas que não foram citados.

## RESUMO

A presente pesquisa analisa algumas possibilidades de uso de mídias sociais como ferramentas de fortalecimento linguístico de línguas indígenas brasileiras. Tratamos inicialmente do que representam as línguas indígenas e a diversidade linguística brasileira, levando-se em consideração o seu alto grau de ameaça. Discutimos sobre mídias *off-line* e *on-line* e seu papel no fortalecimento de línguas indígenas, ao expandir os contextos de uso das mesmas, visando a sua continuidade. Por fim, apresentamos um panorama das línguas indígenas brasileiras, com o fim de contextualizar um estudo de caso sobre as estratégias utilizadas pelo povo Kokama no fortalecimento linguístico e cultural de sua língua.

**Palavras-chaves:** Fortalecimento Linguístico, Mídias *off-line*, Mídias *on-line*, Línguas Indígenas, Kokama.

## RESUMEN

Esta investigación analiza algunas posibilidades de uso de las medias sociales como herramientas para el fortalecimiento lingüístico de las lenguas indígenas brasileñas. Nos ocupamos inicialmente de lo que representan las lenguas indígenas y de la diversidad lingüística brasileña, teniendo en cuenta su alto grado de amenaza. Discutimos acerca de las medias *offline* y *online* y de su rol en el fortalecimiento de las lenguas indígenas, ampliando los contextos de su uso y buscando su continuidad. Finalmente, presentamos un panorama de las lenguas indígenas brasileñas, con el fin de contextualizar un estudio de caso sobre las estrategias utilizadas por el pueblo Kokama en el fortalecimiento lingüístico y cultural de su lengua.

**Palabras-claves:** Fortalecimiento Lingüístico, medias *off-line*, medias *online*, Lenguas Indígenas, Kokama.

## SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS.....	10
INTRODUÇÃO .....	11
1. PANORAMA DAS LÍNGUAS INDÍGENAS .....	13
2. FORTALECIMENTO LINGUÍSTICO .....	18
3. MÍDIAS <i>OFF-LINE</i> E <i>ON-LINE</i> : FATOR DE FORTALECIMENTO LINGUÍSTICO?.....	22
4. A LÍNGUA KOKAMA: UM ESTUDO DE CASO.....	31
4.1 Kokama em Mídias <i>Off-line</i> .....	32
4.3 Kokama em Mídias <i>On-line</i> .....	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38
6. REFERÊNCIAS .....	39

## Lista de Figuras

<b>Figura 1 – Povos Indígenas da América Latina</b> .....	15
<b>Figura 2 – Informativo sobre Coronavirus Covid-19 na Língua Tikuna do Amazonas</b> .....	26
<b>Figura 3 – Grandes Guerreiros e Guerreiras / UNICEF - Brasil</b> .....	27
<b>Figura 4 – Cartilhas de Prevenção à Covid-19</b> .....	28
<b>Figura 5 – Materiais Didáticos Escritos em Línguas Indígenas</b> .....	29
<b>Figura 6 – Material de Apoio para Professores Kokama (DVD)</b> .....	33
<b>Figura 7 – Cantos Kukama-Kumamiria: Kaikira</b> .....	35
<b>Figura 8 – Aplicativo Kokama Tradutor</b> .....	36
<b>Figura 9 - Aplicativo Kokama Kinkin</b> .....	37

## LISTA DE SIGLAS

CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
COIAB	Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira
DSEI	Distrito Sanitário Especial Indígena
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
FOIRN	Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro
FUNAI	Fundação Nacional do Povos Indígenas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISA	Instituto Socioambiental
OGPTB	Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngues
PL	Projeto de Lei
PDT-MS	Partido Democrático Trabalhista – Mato Grosso do Sul
SESAI	Secretaria de Saúde Indígena
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
WWW	Rede de Alcance Mundial (World Wide Web)

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta como as mídias sociais *off-line* e *on-line* podem ter papel importante no fortalecimento linguístico e cultural de línguas indígenas brasileiras, por meio do fortalecimento de redes sociais.

Apresentamos inicialmente um panorama das línguas indígenas brasileiras, com o fim de discutirmos o que representam as línguas indígenas brasileiras e a diversidade linguística brasileira, levando-se em consideração o alto grau de ameaça dessas línguas. A partir desse panorama, abordamos alguns aspectos de ações de fortalecimento linguístico, seja daquelas com o objetivo de retomar os contextos de uso tradicionais das línguas indígenas, como daquelas que visam fortalecer as línguas por meio da expansão de seus contextos de uso. Tratamos então sobre mídias *off-line* e *on-line* e discutir sobre alguns de seus usos, tipos e formatos e seu papel no fortalecimento de línguas indígenas, ao expandirem os contextos de uso das mesmas. Ao final, apresentamos um estudo de caso sobre as estratégias utilizadas pelo povo Kokama no fortalecimento linguístico e cultural de sua língua, por meio de mídias sociais.

A pesquisa pautou-se na metodologia de revisão bibliográfica, com o objetivo de levantar autores de referência sobre fortalecimento linguístico, mídias e redes sociais, e línguas indígenas. A partir do levantamento da bibliografia relevante, por mais que não de maneira exaustiva, tecemos críticas sobre o tema e uma releitura de descobertas já realizadas, a fim de entender qual seria o panorama atual do uso de mídias sociais, investigando se estaria aliado a fortalecimento linguístico. A pesquisa foi realizada de maneira qualitativa, baseando-se e analisando fenômenos sociais que ocorrem entorno do objetivo proposto, para assim tirar conclusões e comprovar a hipótese inicial ou não a partir dos dados e pontos analisados ao decorrer da pesquisa.

A tese de Viegas (2014) motivou nossa pergunta de pesquisa, “o uso de línguas indígenas em mídias sociais podem fortalecer essas línguas?”, pois trouxe a reflexão sobre as diferentes maneiras do uso de mídias sociais para o fortalecimento das redes Kokama. Em nosso estudo, iremos primeiramente apresentar essa reflexão de maneira mais ampla, para, ao final, discutirmos a própria língua Kokama em um estudo de caso.

Para a compreensão sobre o contexto geral das línguas indígenas brasileiras, foram fundamentais os textos de Rodrigues (1986, 1993, 2007). Para a discussão sobre fortalecimento

linguístico, foram utilizados Maher (2016), Gonçalves (2009), Toliver (2022), Amaral (2020) e Morello (2016). Além desses, Pereira (2010) também foi crucial, pois trata do papel fundamental que mídias nativas podem ter no registro das línguas e culturas indígenas, segundo a visão dos próprios indígenas:

A mediação tecnológica da própria comunicação, responsável pelas interações sociais – reportamo-nos à “mídia” para compreender essa interação tecnológica existente entre os produtores da informação e os meios pelos quais as mensagens são veiculadas, interação essa promotora de relações socioculturais, comunicativas e midiáticas transformadoras dos níveis sensíveis e perceptíveis (Pereira, 2010, p. 2 *apud* Benjamin, 1996; McLuhan, 1971).

Um dos principais alicerces deste trabalho foi a tese de doutorado “Línguas em rede: para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama” (Viegas, 2014), na qual é analisado o papel das redes sociais e das mídias sociais para o fortalecimento da língua Kokama, língua que é falada no Brasil, no Peru e na Colômbia. Observamos em Viegas (2014) que um tipo de mídia específico diz respeito ao uso de línguas na internet, onde pode-se observar se as mídias sociais auxiliam na manutenção e no fortalecimento linguístico. Como apresenta Viegas (2014), analisando e parametrizando determinadas limitações, é possível compreender, mapear e inventariar determinados pontos do ciberespaço e também fora dele, no âmbito linguístico indígena, para verificar esse potencial.

O presente trabalho se divide em quatro capítulos: 1) “Panorama das línguas indígenas”, o qual apresenta ao leitor um contexto geral das línguas indígenas brasileiras; 2) “Fortalecimento Linguístico”, no qual tratamos de línguas, graus de ameaça e de alguns modelos de fortalecimento linguístico. No capítulo 3) “Mídias *Off-line* e *On-line*: fator de fortalecimento linguístico?”, onde tratamos das diferenças entre redes sociais e mídias sociais, com o objetivo de conceituar mídias *off-line* e *online*. Tratamos ainda nesse capítulo de algumas relações entre mídias e fortalecimento linguístico. E finalmente em 4) “A Língua Kokama: um estudo de caso”, discutimos alguns aspectos do uso de mídias sociais como fator de fortalecimento linguístico no contexto de uso da língua Kokama.

## 1. PANORAMA DAS LÍNGUAS INDÍGENAS

Iniciaremos esse capítulo com uma breve discussão sobre o que é uma língua e o que línguas representam. Em seguida, tratamos da povoação indígena na América do Sul (Abya Yala) e daremos um panorama geral sobre os povos indígenas brasileiros e suas línguas. Por fim, discutiremos sobre o fato das línguas indígenas brasileiras serem consideradas como altamente ameaçadas.

Para autores, como Sapir (1949), Jourdan e Tuite (2006) e Everett (2008; 2012), as línguas são ferramentas culturais. Como observa Silva (2015), as línguas se apresentam como um modo especial e único de ver e sentir o mundo. Sua principal função, nessa perspectiva, seria a comunicação. As línguas também são parte fundamental de nossa capacidade de comunicação, as quais fazem parte da linguagem humana (Rodrigues, 1986, p.17). Um fato importante, segundo o autor (1986), é que o contato com falantes de uma língua é algo necessário para a sua aquisição (por parte de crianças), ou para a sua aprendizagem (por parte de adultos).

As línguas naturais, no entanto, não se reduzem a apenas instrumentos de comunicação social, pois são também os meios de que dispõem os seres humanos para elaborar, codificar e conservar seu conhecimento do mundo (Rodrigues, 1992, p.3). O que antropólogos vêm descobrindo junto aos povos indígenas, em matéria de ciência nativa, como etnobiologia, etnomatemática, etnoastronomia, em resumo como etnociência, só se torna realmente acessível ao pesquisador através das línguas indígenas (Rodrigues, 1992, p.4).

Segundo o Atlas das Línguas Ameaçadas (UNESCO, 2011, p.4, tradução nossa<sup>1</sup>), “línguas são veículos de nossas culturas, memórias coletivas e valores. Elas são um componente essencial de nossas identidades e um alicerce da nossa diversidade e herança.” Considerando que para continuidade de uma língua, necessitamos de um povo a utilizando, podemos compreender que as vivências dos povos são cruciais para a manutenção e preservação de suas línguas. A “garantia do direito de experimentar, criar, fruir e usufruir da vivência de diferentes manifestações artísticas,

---

<sup>1</sup> *Languages are vehicles of our cultures, collective memory and values. They are an essential component of our identities, and a building block of our diversity and living heritage* (UNESCO, 2011, p.4). Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000192416>. Último acesso em 12/01/2024.

literárias e corporais” (Brasil, 2015, p. 31 *apud*, Azevedo; Damasceno, 2017) busca também garantir as possibilidades de existência e até da re-existência dos povos e de suas línguas.

Ao refletirmos sobre os povos indígenas brasileiros, notamos que a história antiga desses povos é milenar e remonta à própria história da ocupação humana nas américas, iniciada há pelo menos doze milênios (Rodrigues, 2016). Segundo Rodrigues (2016),

[...] o povoamento da América do Sul por seres humanos é recente em relação à antiguidade do homem sobre a Terra: as estimativas mais conservadoras são de cerca de 12.000 anos antes do presente, mas resultados mais recentes de pesquisas arqueológicas apontam para a possibilidade de que o homem já estivesse aqui há uns 50.000 anos (Rodrigues, 2016, p. 191).

A história recente dos povos indígenas brasileiros normalmente é contada na voz de viajantes, exploradores ou até dos próprios portugueses invasores, que chegaram ao Brasil em torno de 1500. No entanto, é importante observar, conforme Rodrigues (1986), que

os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofia peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distinguem-se também e nós e entre si por falarem diferentes línguas (Rodrigues, 1986, p.17).

Segundo alguns dos resultados preliminares do censo do IBGE (2022), temos aproximadamente 1,7 milhões de pessoas autodeclaradas indígenas no Brasil, sendo que, em 2010, havia somente pouco menos de 900 mil indígenas (IBGE, 2010). Ainda segundo o IBGE (2010), 274 línguas e 305 etnias foram autodeclaradas como existentes pelos povos indígenas.

Segundo publicação da CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL, 2014), a população indígena do Brasil corresponderia a aproximadamente 2% da população indígena da América Latina (Abya Yala), utilizando-se o Censo do IBGE de 2010.

Figura 1 – Povos Indígenas da América Latina



Fonte: CEPAL (2014).

Uma vez que os povos indígenas “distinguem-se [...] entre si por falarem diferentes línguas” (Rodrigues, 1986, p.17), ficamos com a pergunta sobre quantas seriam essas línguas e quão diferentes elas seriam umas das outras. Rodrigues (1993) projeta que haveria em torno de 1200 línguas indígenas sendo faladas no Brasil, durante o séc. XVI, isto é, quando do início da invasão portuguesa.

Levando-se em consideração não só critérios de autodeclaração, Rodrigues (2013) afirma que dentre essas haveria ainda 199 línguas indígenas sendo faladas, o que representa uma redução a aproximadamente 15%. Essa diminuição drástica teria sido fruto principalmente do processo colonizador e neocolonizador português iniciado há cinco séculos, o que gerou e manteve um estado de genocídio e etnocídio junto aos povos indígenas (Rodrigues, 1986).

Além dessas 199 línguas, é possível que existam ainda línguas indígenas brasileiras que não foram registradas e descritas, línguas essas faladas por povos em isolamento voluntário (Vaz, 2011). Em 2011 (Vaz, 2011, p.8), haveria pelo menos 23 grupos indígenas em isolamento voluntário confirmado e 47 referências, em processo de levantamento de informações pela FUNAI. Por outro lado, em 2016 (Amorim, 2016), haveria 26 grupos confirmados e 103 referências.

É provável que alguns desses grupos falem línguas diversas das que já são faladas por povos indígenas, nas regiões em que se localizam. A título de exemplo, Velden (2022) aponta que, em conversa com o indigenista Rieli Franciscato em 2014, os Amondawa teriam tido contato com um dos grupos em isolamento voluntário da Terra Indígena Uru-Eu-Uau-Uau e que o diálogo entre eles não teria sido possível, pois “os Amondawa relataram não compreender a língua falada pelos isolados, e vice-versa” (Velden, 2022, p.253).

Segundo Rodrigues (1986; 2013), essas línguas são classificadas em mais de 40 famílias linguísticas, sendo que algumas destas possuem relação genética e formam troncos linguísticos, como é o caso do tronco Tupí e do tronco Macro-Jê. Além de famílias menores, com menos línguas, temos ainda algumas línguas que são consideradas isoladas linguisticamente, por não terem sido relacionadas geneticamente a outras. A quantidade de línguas diferentes, pertencentes a diferentes famílias, é uma informação importante do grau de diversidade linguística de uma região.

E complementando esta fala, Rodrigues (2017, p.187) ainda afirma que “a distribuição é desigual, algumas dessas línguas são faladas por cerca de 20.000 pessoas ao passo que outras o são por menos de 20”. Portanto, a partir disso, podemos compreender que apesar da numerosa quantidade de línguas, em contrapartida, o número de falantes não é alto, e com isso, o panorama das línguas indígenas no Brasil acende um estado de alerta. Isto é, com aproximadamente 200 línguas, segundo, Rodrigues (1986; 2013) e uma população pequena, é possível perceber que uma

boa parte dessas línguas deixe de ser falada nos próximos anos, o que faz com elas hoje estejam em um alto grau de ameaça.

Segundo IPHAN (2020, p.57), “o uso cotidiano das línguas indígenas é fundamental para a sua existência e reprodução vigorosa e criativa pelas próximas gerações”. Podemos entender, a partir disso, que a importância da manutenção de línguas se faz necessário, porém, para contribuir para a manutenção das línguas, é essencial entender o grau de ameaça de cada uma delas. Como resultado da observação de diferentes fatores, UNESCO (2011, p.4) elaborou uma tipologia de graus, classificando seis graus de ameaça, como podemos ver no quadro a seguir:

**Quadro 1 - Graus de Ameaça**

GRAU DE AMEAÇA	TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL
Segura	A língua é falada por todas as gerações; a transmissão intergeracional é ininterrupta.
Vulnerável	A maioria das crianças fala a língua, mas ela pode estar restrita a certos domínios (como a casa, por exemplo).
Definidamente Ameaçada	As crianças não mais adquirem a língua como língua mãe em casa.
Severamente Ameaçada	A língua é falada pelos avôs e geração dos mais velhos; enquanto a geração dos pais pode compreender a língua, eles não falam a língua entre si ou com seus filhos.
Criticamente Ameaçada	A geração dos mais novos e a geração dos mais velhos consegue falar a língua, mas eles falam parcialmente ou de maneira infrequente.
Extinta	Não há mais falantes >> a língua foi incluída no Atlas como extinta desde 1950.

Fonte: UNESCO (2011, p.4, tradução nossa).

A partir do Quadro 1, observamos que uma língua só está segura quando é falada por todas as gerações e quando a transmissão intergeracional não é interrompida. Ou seja, a menos que a língua siga estes pontos, ela já está vulnerável e necessita de medidas e políticas para sua

manutenção. Existem diferentes critérios para a identificação de graus de ameaça, como em Grenoble; Whaley, 1998 e Thomason, 2015. Um exemplo ainda é a identificação de níveis de proficiência de fala, em Campbell e Muntzel (1989, p. 181, *apud* Viegas, 2010, p.36), uma vez que

“As línguas que foram base do seu estudo são apresentadas com a identificação de suas respectivas localizações geográficas, afiliação genética e número de falantes. Estes são classificados de acordo com um contínuo de proficiência do uso da língua, a saber: S para strong (forte/pleno) ou (quase totalmente competente); I para imperfect (imperfeito), i.e. para razoavelmente fluente semi-speakers (semi-falantes); W weak semi-speakers (semi-falante fraco) com competência de fala mais restrita; e R para rememberers (lembradores), os quais conhecem somente algumas palavras ou frases isoladas (Campbell; Muntzel, 1989, p. 181, *apud* Viegas, 2010, p.36).”

De maneira geral, sabe-se que haveria dois caminhos básicos para a extinção de línguas. O primeiro, em função do genocídio de todos os seus falantes. E o segundo, quando todos os falantes passam a falar outra língua.

No entanto, quando uma língua deixa de ser falada, uma grande parte da visão de mundo de seus falantes deixa de ser expressa, como parte da identidade, de valores, de costumes e de outros elementos culturais (Rodrigues, 1986). Além disso, a perda progressiva de línguas torna a experiência humana mais homogênea e menos diversa.

Apesar de ser algo cada vez mais presente, o processo de uma língua ficar ameaçada até não possuir mais falantes passa por muitos pontos que resultam no seu fim. Interferências sociais, ambientais e entre outros diversos fatores, podem contribuir para acelerar ou diminuir este movimento, e em situação de proteção das línguas, há a possibilidade do uso de ações de fortalecimento linguístico e cultural.

## **2. FORTALECIMENTO LINGUÍSTICO**

Nesse capítulo, discutimos sobre alguns modelos de fortalecimento linguístico. Ainda que haja alguns incentivos e projetos que objetivem a manutenção da pluralidade e da diversidade no Brasil, as línguas indígenas ocupam uma posição de preocupação quanto à sua continuidade nas

próximas décadas. Segundo Toliver (2022, p.21-22), “em comparação com os direitos linguísticos garantidos e os incentivos ao uso das línguas originárias nas constituições [em] países vizinhos, a legislação brasileira parece mais escassa, pelo menos até tempos recentes”.

Fortalecimento linguístico, segundo Viegas (2014, p.22), é uma política linguística que busca fomentar situações estimuladoras de transmissão e de continuidade do uso de línguas ameaçadas. Para Toliver (2022, p.18), políticas linguísticas envolvem três elementos: práticas linguísticas, isto é, “a escolha de usar ou não uma língua ou uma variedade de uma língua”; “valores que os membros atribuem a cada variedade linguística e as suas crenças sobre esses valores”; e, por fim, planejamento linguístico, que são conjuntos de ações que visam mudar práticas linguísticas.

Segundo Viegas (2014, p.22), o fortalecimento de línguas e culturas parte do uso de situações estimuladoras da transmissão e continuidade de práticas de uso da língua, para que línguas consideradas em obsolescência passem a ser consideradas como línguas em processo de fortalecimento. O fortalecimento linguístico seria, segundo Viegas (2014), um dos meios que provavelmente estimularia a aquisição, aprendizagem e uso dessa língua. Para que isso seja possível e uma vez que a atitude linguística dos falantes é fundamental nesse processo, a valorização da autonomia das comunidades deve ser levada em consideração em projetos de fortalecimento linguístico (Viegas, 2014, p.66). A autora (2014, p.2) observa ainda que existem outros termos que podem se referir a fortalecimento linguístico na literatura, como “reavivamento”, “reconquista”, “revitalização”, “resgate” ou “retomada”.

A autora aponta ainda que, ao realizarmos um projeto de fortalecimento, é possível haver a continuidade do uso dessas línguas, seja pelo fortalecimento dos contextos tradicionais de uso, seja por meio da ampliação do seu contexto de uso.

Um caso interessante é o que houve com o Tupinambá, ou Tupi Antigo, pois políticas linguísticas contribuíram para o seu apagamento (Garcia, 2007), impondo-se o português sobre esta língua, mas que, atualmente, passa por um processo extremamente interessante e complexo de revitalização (Durazzo & Costa, 2022).

Uma ação atual, em prol do fortalecimento de línguas indígenas, é a cooficialização dessas línguas em nível de município (Soares & Rocha, 2023). Um exemplo de como políticas de

fortalecimento desse tipo funcionam é a Lei Municipal nº 848, de 18 de maio de 2010, Tacuru (MS), em seu Art. 1º, adotou uma língua indígena como cooficial juntamente com a língua portuguesa no município de Tacuru (MS), concedendo esse status ao Guarani. Assegura-se também, como observado no Art. 3º, a valorização das “variedades da língua guarani”, inclusive Kaiowá, Mbya e Ñandeva. Além disso, afirma-se, no Art. 4º, que ninguém “pode ser discriminado por razão da língua cooficial.”

Existe ainda um projeto de lei mais amplo, o PL 3074/2019, de autoria de Dagoberto Nogueira do PDT-MS, que busca “estabelecer que os municípios brasileiros que possuem comunidades indígenas passem a ter como línguas co-oficiais as línguas indígenas” (SIC). Através de ações como essas, além de assegurar direitos linguísticos, a língua se mantém em exposição e utilização constante, favorecendo e legitimando seu uso, e com isso contribuindo para sua preservação.

Por outro lado, existem também políticas linguísticas que por vezes visam impedir o uso de línguas, podendo ocasionar inclusive processos de linguicídio, isto é, do extermínio de línguas. Um exemplo desse processo é o apagamento do uso da língua geral paulista durante os séculos XVIII e XIX, por meio do Diretório dos Índios.

Conforme observa Garcia (2007), em XVIII, Marques do Pombal decretou em 3 de maio de 1757 o que ficou conhecido posteriormente como Diretório dos Índios. Trata-se de uma política de apagamento de línguas indígenas, através de medidas que oficializaram somente o português no Brasil, ao mesmo tempo que proibiram línguas indígenas de serem faladas. O foco, na época, era no apagamento do uso da língua geral paulista, uma continuidade do Tupinambá falada durante as incursões colonizadoras portuguesas (bandeiras), além de ser utilizada também por jesuítas e por demais colonizadores no Brasil até o Séc. XIX (Rodrigues, 1999).

Observando isso, podemos compreender o quão importam as políticas linguísticas e como elas contribuem para a continuidade ou apagamento de línguas. Dessa maneira, segundo Rodrigues (1986) a manutenção dessas línguas em risco de ameaça provê a continuidade de formas diferentes de enxergar e sentir o mundo. Quando nós nos aproximamos de diferentes maneiras de enxergar o mundo, como o outro, passamos a possuir uma nova perspectiva da realidade. Como consequência, essa diversidade contribui ainda para o nosso crescimento social e pessoal.

Na perspectiva indígena, Maldonado (2013, p. 41, *apud* Maldonado *et al*, 2017) afirma:

Nutrir-se dessas experiências e visões concretas, encontrando o lugar dos cidadãos indígenas, apesar dos obstáculos socioculturais, econômicos, políticos e dos oligopólios midiáticos é um movimento desafiador no desenvolvimento de uma ecologia científica. Isto porque, para reconhecimento da transformação do mundo, acreditamos que é preciso considerar a razão multiétnica para trabalhar a arteficialidade do conhecimento, ou seja, há necessidade de considerar o diálogo com epistemologias outras para compreender “processos, fenômenos e práxis de inter-relacionamentos dialéticos, múltiplos, que expressam a densidade e a riqueza do concreto em movimento” (Maldonado (2013, p. 41, *apud* Maldonado *et al*, 2017).

Embora pareçam simples, as ações de fortalecimento seriam amplas, e não envolveriam somente a expansão, mas também manutenção de línguas e a reocupação de espaços tomados por elas, onde não se utiliza mais de maneira frequente. Nesse sentido, observamos que o retorno de línguas a ambientes do dia a dia, contexto familiares, uso em escolas e outros meios de exposição como mídias sociais, que costumavam ser empregadas há gerações, colaboraria para a sua preservação. Além disso, partindo da perspectiva de que língua e cultura são interligadas, há um resgate cultural e de tradições, fortalecendo a identidade daquela comunidade, a partir de expressões, canções e rituais, entre outros.

Com base no mencionado anteriormente, existem iniciativas que podem contribuir para esse fortalecimento e reocupação de espaços das línguas ameaçadas. Um deles seria o ninho de línguas, que contribuiu e contribui para revitalização da língua minorizada Maori, na Nova Zelândia. Podemos definir essas ações de fortalecimento da seguinte maneira:

[...] os ninhos de Língua são constituídos por centros de educação pré-escolar e por creches, nas quais todas as atividades educacionais e instrucionais são transmitidas apenas por meio da língua Māori Nas Kōhanga Reo, as mokopuna (crianças) são totalmente imersas em Te Reo Māori e em sua tikanga (cultura), desde o nascimento até a idade de seis anos, quando já podem entrar na escola primária. Te Kōhanga Reo se traduz literalmente como ‘Ninho de Língua’, uma metáfora diretamente relacionada um dos objetivos fundamentais do movimento Kōhanga Reo – a manutenção de Te Reo Māori pela transmissão da língua às crianças das novas gerações (Nascimento, Maia e Whan, 2017, p.370).

Tendo esse modelo de fortalecimento linguístico como inspiração, Nascimento, Maia e Whan (2017) propuseram um projeto de ninho de língua e cultura similar junto ao povo Kaingáng. Esse projeto buscou:

[...] promover a retomada da língua e reforçar a sua transmissão intergeracional, desde cedo, na primeira infância, fase em que as crianças estão adquirindo as línguas de forma orgânica, intuitiva e natural. A transmissão intergeracional, no

caso, se dará no ninho de língua - Kanhgág vĩ jagfe, em uma situação sociolinguística educacional inversa ao que caracterizava a educação escolar da geração de seus pais, quando o Kaingang era usado principalmente no ambiente doméstico, sendo o português a língua usada nas escolas (Nascimento, Maia e Whan, 2017, p.375).

A ideia de proporcionar imersão no uso de línguas ameaçadas ou já em estado de obsolescência (Hinton; Hale, 2001) pode também partir da expansão do uso de línguas a contextos de uso não tradicionais, isto é, contextos que envolvem ferramentas e tecnologias não existentes anteriormente e onde observa-se majoritariamente o uso de português.

Um exemplo é o uso de placas informativas em língua indígena, dentro das comunidades indígenas. Essa ação também auxiliaria o fortalecimento linguístico, uma vez que o contato e imersão diária reforçaria a exposição da língua que antes estivera presente, porém, não tanto mais, devido ao enfraquecimento da presença da língua (Viegas, 2014).

De maneira geral, observamos que alguns contextos não tradicionais seriam: o uso da modalidade oral da língua fora dos contextos de uso tradicionais da comunidade, por exemplo, através do uso por intérpretes em tribunais ou até por aplicativos de interação por voz; modalidade escrita da língua em placas, no ciberespaço e em outros suportes etc. Nesse sentido, um caminho para o fortalecimento do uso de línguas, levando em consideração contextos não tradicionais, é o uso de línguas nas mídias de interação.

### **3. MÍDIAS *OFF-LINE* E *ON-LINE*: FATOR DE FORTALECIMENTO LINGUÍSTICO?**

Por conta da expansão do uso das línguas indígenas em contextos não tradicionais de uso, observamos que as mídias sociais podem ser extremamente relevantes para seu fortalecimento linguístico e cultural.

Mas, antes de discutirmos suas funções, é importante definirmos o que estamos chamando de mídia. “Mídia” é uma palavra fruto do empréstimo *media*, do inglês, e significa em português (Priberam, 2023):

1. Todo o suporte de difusão de informação (rádio, televisão, imprensa, publicação na Internet, videograma, satélite de telecomunicação, etc.) que constitui ao mesmo tempo um meio de expressão e um intermediário na transmissão de uma mensagem.
2. [Brasil] Conjunto dos meios de comunicação social.

No entanto, para a presente pesquisa, vamos utilizar o termo *mídia*, conforme conceituado por Perassi & Meneghel (2011, *apud* Clementi *et al.*, 2017, p.459), sendo o “suporte, o veículo ou o canal de comunicação, pelo qual a informação pode ser conduzida, distribuída ou disseminada, como um “meio” de comunicação”.

Baseado no conceito anteriormente mencionado, podemos compreender que embora tidas como sinônimas no senso comum, “mídias sociais” e “redes sociais” possuem definições diferentes. Podemos definir redes como “(...) uma continuidade de linhas que se cruzam e se entrelaçam, passando pelos nós, criando ligações entre eles, e essa dependência entre todas as linhas da rede objetivada pelos nós constitui a própria essência da rede. Não existe rede se não houver linhas fortemente interconectadas. O que caracteriza a rede é a absoluta dependência de todos os nós entre si” (Vermelho *et al.*, 2015, p.876).

A partir disso, redes sociais podem ser conceituadas como as conexões e relações entre indivíduos (os nós) da mesma sociedade (Castells, 1999; Franco, 2009). E como afirma o autor (Franco, 2009, p.30), “a cooperação... é um atributo do modo que os seres humanos se organizam”, portanto, o fortalecimento das redes sociais contribui com o fortalecimento das ligações entre pessoas.

Nesse trabalho, iremos explorar o uso de mídias sociais como possíveis agentes de fortalecimento linguístico. A partir disso, mídia pode ser subdividida em dois tipos: mídia *off-line* (ou tradicional) e *on-line* (ou digital), segundo Dias (2011, p.53), das quais trataremos a seguir.

Mídias *off-line*, ou tradicionais, dizem respeito aos meios de interação e comunicação anteriores à internet. Santaella (2004) discute o contexto sociocultural do desenvolvimento e difusão de mídias *off-line* mais dinâmicas, no período da Revolução Industrial. Seu objetivo era o de:

[...] permitir a comunicação entre os homens, especialmente dos homens que estavam no comando dos negócios e de sua administração, nesse universo que crescia em complexidade, surgiram o telégrafo, o telefone e, depois, a

consolidação das redes de opinião, os jornais, com notícias rápidas e imediatas, próprias de cidades com excesso de informação, encontros e desencontros (Santaella, 2004, p. 25).

Essas mídias sociais teriam propiciado, segundo a autora, o surgimento de um perfil de leitor correspondente, o leitor movente/fragmentado. Com o advento da computação e da internet, ao final do século XX e início do séc. XXI, a comunicação seria profundamente modificada, alterando a maneira como pessoas interagem e se comunicam. O surgimento de um novo perfil de leitor, o leitor imersivo, estaria diretamente relacionado ao surgimento de mídias sociais *on-line*.

Mídias *on-line*, segundo Clementi *et al.* (2017, *apud* Prado 2017), necessitam de um agente tecnológico para serem manipuladas e são definidas como “um ambiente *online* criado com o propósito da colaboração em massa. É onde a colaboração em massa ocorre, não a tecnologia per se” (Bradley e McDonald, 2013, p. 26 *apud* Clementi, 2017).

No âmbito das mídias *on-line* (ou digitais), que precisam do uso da internet, podemos observar que a atualização da própria rede de internet possibilitou mudanças nas maneiras como as mídias sociais operam e conectam pessoas. Dessa maneira, desde seu surgimento, a web (*World Wide Web* ou WWW) se diversificou no que ficou conhecido como: Web 1.0, Web 2.0, Web 3.0 e Web 4.0 (Latorre, 2018). Essa diversificação ou atualização buscou trazer novas maneiras de experiências e vivências para os usuários.

A web 1.0, segundo Latorre (2018), surgiu na década de 1990 e, nesse momento, só teríamos acesso a conteúdos, isto é, não conseguiríamos interagir com eles, pois o acesso era unidirecional. Para essa web, temos principalmente sites com informações e buscadores de sites. Após 2004, teria surgido uma outra maneira de navegar no ciberespaço, com a possibilidade do usuário produzir e compartilhar informações, tanto entre si, quanto entre usuário e site. Nesse momento, surgem plataformas de chat e de mídias sociais, como *MSN* e *Orkut*, e plataformas colaborativas para produção de conteúdo, como a *Wikipedia*. A partir de 2010, ainda segundo o autor, temos a Web 3.0, que se refere a rede enquanto linguagem. Nesse momento, aplicativos e programas funcionariam de maneira inter-relacionada, por meio de grandes bancos de dados, buscando melhorar a experiência de acesso e de interação do usuário, além de implementar ferramentas de georreferenciação. A partir disso, em 2016, segundo o autor, temos o início do que virá a ser a integração do digital com o não digital, a Web 4.0.

A partir dessa discussão sobre mídias, seus usos, tipos e desenvolvimento, ficamos com a questão sobre a ocorrência do uso de línguas indígenas nas mídias e sobre a possibilidade do uso de mídias fortalecerem essas línguas.

A partir do exposto anteriormente, podemos observar então, que um dos objetivos das mídias sociais é serem um lugar, onde a interação ocorre. Por outro lado, podem ser vistas também, como mediadores, isto é, ferramentas cognitivas para a interação. Dessa maneira, conecta o social e com isso, possibilita e/ou fortalecem conexões.

Segundo o instrumento “Diversidade Linguística Indígena”, do IPHAN (2020, p.86), uma maneira de contribuir para o fortalecimento linguístico de línguas indígenas é:

- Promover anúncios oficiais na televisão e rádio feitos em línguas indígenas, para mostrar a diversidade linguística;
- Fazer exposições permanentes sobre a diversidade linguística;
- Promover a língua em estabelecimentos comerciais.

Na perspectiva das mídias *on-line* em contexto indígena, observamos que o seu uso e implementação também seguiu a diversificação da própria web. Por exemplo, em 2008, foi criado o site *Kanhgág Jógo* (D’Angelis, 2005 e 2010) como uma ferramenta dos e para os indígenas Kaingáng acessarem conteúdos em sua própria língua (Web 1.0). O projeto Vídeo nas Aldeias, implementado em 2010 (Pereira, 2010), inicialmente buscou dar o acesso a vídeos produzidos por comunicadores indígenas no âmbito do projeto (Web 1.0). Atualmente, no entanto, observamos que o projeto busca também a interação entre seus vídeos e comunidades indígenas e não indígenas (Web 2.0).

A Rádio *Yandê*<sup>2</sup>, a primeira rádio indígena *on-line* do Brasil, iniciada em 2013 (Maldonado, Tupinambá Hã Hã Hãe & Carneiro, 2021), previa somente o acesso a músicas e a conteúdo *on-line* (Web 1.0). No entanto, logo após isso, passou a prever a interação do usuário com seus conteúdos (Web 2.0), bem como o acesso à Rádio de maneira portátil, em aplicativos de música, como *Spotify* (Web 3.0). Segundo Muniz Tupinambá Hã Hã Hãe (2018 apud Carneiro, 2019):

“[...] Correspondente ainda entra em outro patamar: ele deixa de ser etnocentrista, ele para de olhar só o próprio umbigo e ela passa a olhar que, ele como

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://radioyande.com>>. Último acesso em 05/01/2024.

responsável de construir pautas e conteúdo, ele tem que trabalhar com todo mundo ao redor dele, fazendo essas redes e alianças. E ele, diminui essas distâncias nossas também [...]” (Muniz Tupinambá Hã Hã Hãe, 2018 *apud* Carneiro, 2019, p.84).

Um exemplo do uso de línguas indígenas em mídias sociais *on-line*, é o caso da língua Tikuna, utilizada pela cantora e comunicadora indígena Djuena Tikuna (web 3.0), na difusão de informações sobre a pandemia de Covid-19<sup>3</sup>, no ano de 2021:

Figura 2 – Informativo sobre Coronavirus Covid-19 na Língua Tikuna do Amazonas<sup>4</sup>



Fonte: Djuena Tikuna, 2021.

Outro exemplo é o uso de mídias sociais *on-line*, como *Instagram* e *Facebook* (Web 2.0 e 3.0) pela COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira, como forma de difusão de conteúdos sociopolíticos e socioculturais indígenas para as próprias comunidades indígenas. Ainda que a língua mais utilizada nas publicações da COIAB seja o Português Brasileiro, a difusão dessas informações contribui para informar e compartilhar assuntos de

<sup>3</sup> “Informativo sobre Coronavírus-Covid-19 na Língua Indígena Tikuna do Amazonas”. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&feature=shared&v=6q1nLgDac2U>. Último acesso em: 10/12/2023.

<sup>4</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=6q1nLgDac2U&pp=ygUfZGplZW5hIGluZm9ybWF0aXZvIGNvdmlkIHRpa3VuYQ%3D%3D> >. Último acesso em 12/01/2024.

interesses das comunidades indígenas, fortalecendo as redes sociais entre os diferentes povos, etnias e comunidades.

No âmbito da pandemia de Covid-19, o projeto “Apoio para os Povos Indígenas da Amazônia brasileira na prevenção à Covid-19 e mitigação dos seus impactos – OFDA”, uma parceria entre a COIAB, a UNICEF e a Fiocruz, produziu diversas cartilhas em línguas indígenas sobre formas de prevenção à Covid-19, e sobre saúde mental indígena e violência sexual, no âmbito do isolamento físico. Como parte do objetivo de difusão de métodos de prevenção, o projeto produziu ainda a etnomídia “Grandes Guerreiros e Guerreiras”, a qual possuiu a função de divulgar para crianças indígenas aspectos da Covid-19 e formas de prevenção:

Figura 3 – Grandes Guerreiros e Guerreiras / UNICEF - Brasil<sup>5</sup>



Fonte: COIAB (2021).

Também podemos observar um outro exemplo, a comunidade virtual (Web 3.0) *Jaqi-Aru* no *Facebook*<sup>6</sup> e no *X*<sup>7</sup> (anteriormente chamado de *Twitter*), criada pelos indígenas Aimara, língua indígena falada na América Andina, que não se encontra no mesmo grau de ameaça de línguas

<sup>5</sup> Acesso em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GddNQ7x2jRg&t=357s> >. Último acesso em 12/01/2024.

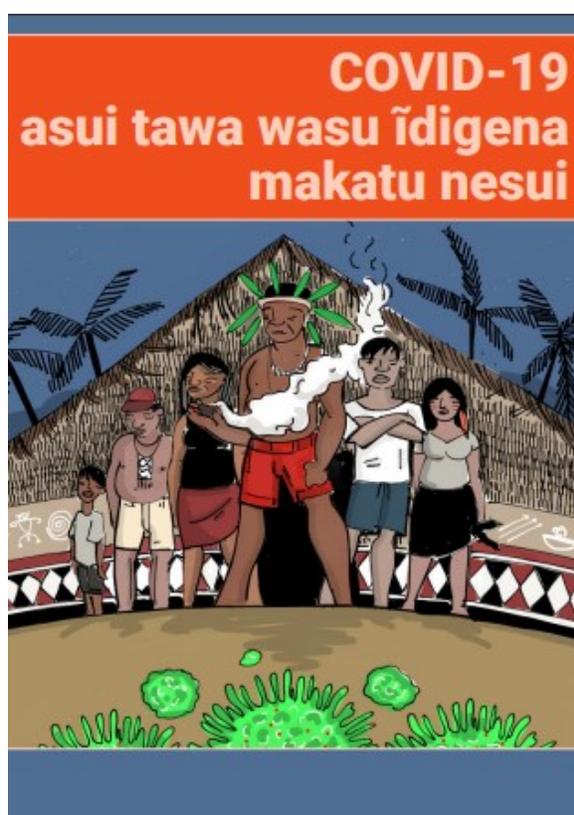
<sup>6</sup> Disponível em: < : <https://www.facebook.com/jaqiaru/> >. Último acesso em: 10/12/2023.

<sup>7</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/jaqiaru> >. Último acesso em 12/01/2024.

indígenas brasileiras. Ao analisarmos essa comunidade virtual, podemos observar que ela possui o objetivo de compartilhar notícias, informes e discutir sobre assuntos de interesse para suas comunidades. Dessa maneira, notamos que essas comunidades virtuais possuem um papel indireto no fortalecimento da língua Aimara, além de também fortalecer a interação em rede dos próprios Aimara. Com isso, o uso da língua Aimara nessas comunidades virtuais possui um papel interessante na promoção e preservação e manutenção da língua, com a expansão dela em locais não tradicionais.

Partindo para as mídias sociais *off-line*, temos cartilhas de Covid-19 elaboradas em línguas indígenas, por meio de diferentes projetos, com o intuito de compartilhar informações e alertar as comunidades sobre pontos importantes da prevenção ao coronavírus, como podemos ver nos dois exemplos abaixo:

Figura 4 – Cartilhas de Prevenção à Covid-19



Fonte: ISA & FOIRN, 2020.



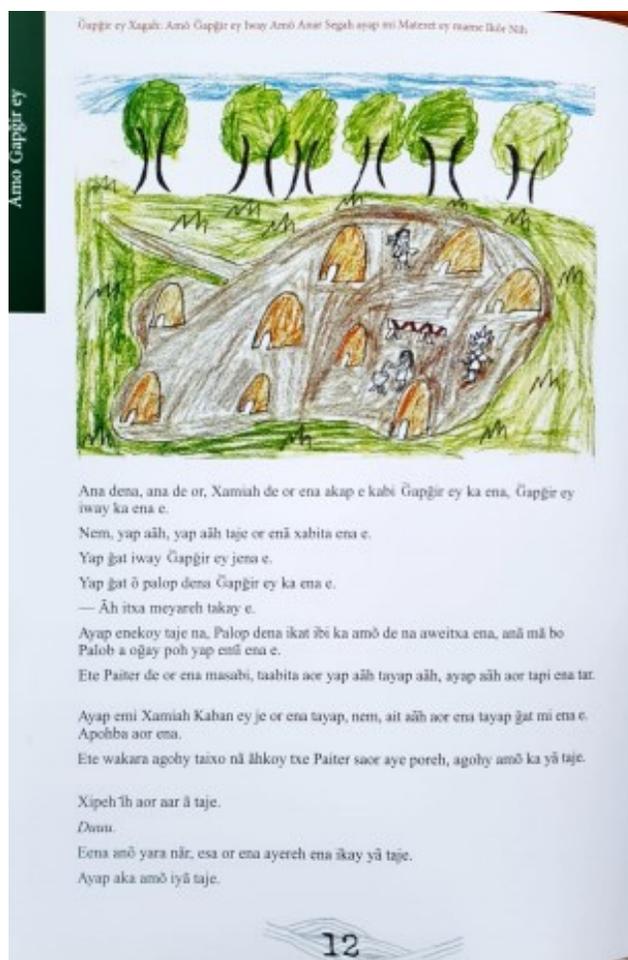
Fonte: SESAI/DSEI-Altamira, 2021.

O uso das línguas em contextos *off-line* é observado também na produção de materiais didáticos para escolas indígenas e em livros de narrativas e de relatos. Um exemplo disso é utilizar livros para narrar histórias, em língua originária, e a partir disso, expandir a língua para exposição através da leitura (levando em conta que as línguas indígenas eram línguas agrafas). Para exemplificar, abaixo temos o Livro de Relatos Asuríni (Asuríni; Rodrigues & Cabral, 2007) e, à direita, trecho da História do Clã *Gapgir ey* e o Mito do Gavião Real (Gakaman *et al*, 2011):

Figura 5 – Materiais Didáticos Escritos em Línguas Indígenas



Fonte: Asuríni *et al.* (2007).



Fonte: Gakaman *et al.* (2011).

Além disso, observamos ainda que além do fato de línguas indígenas poderem ser usadas em mídias sociais, há também a possibilidade de termos a tradução de plataformas *on-line*, para essas línguas. Essa possibilidade, por valorizar o uso das línguas indígenas e a criação de novos termos nessas línguas, poderia ser também um fator de fortalecimento. Um dos meios, em que podemos notar isso, seria a técnica de *Greasemonkey* (Greasespot, 2012), onde o usuário instala um *script* em seu navegador que ativa uma “sobreposição” do idioma (indígena) escolhido sobre o original (Scanell, 2012, tradução nossa).

Exemplificando isso, tivemos, no ano 2014 (Exame, 2014), a tradução do *Facebook* e do X (conhecido anteriormente como *Twitter*) para língua Aimara. O projeto teria partido de jovens aimaras linguistas, programadores e educadores de El Alto, na Bolívia, que criaram uma comunidade virtual no Facebook, denominada *Jaqi-Aru*, para organizar suas ações. A comunidade tinha o objetivo de promover a língua Aimara nas mídias *on-line*, isto é, nas novas tecnologias da informação (Exame, 2014). Por meio da tradução realizada, observamos a expansão da língua Aimara em contextos de uso não-tradicionais, o que tem grande potencial de ajudar a fortalecer e, nesse caso, na manutenção da língua, através da expansão contínua de seu uso. É importante observar que esse tipo de projeto continua, com o foco contínuo na tradução de plataformas como *Facebook* para línguas indígenas ameaçadas, faladas ao redor do mundo.

Paula (2023, p.217) observa que

As línguas indígenas poderiam ser divulgadas em diversos ambientes fora do âmbito escolar, para assim auxiliar em uma maior exposição dessas línguas, por exemplo, em mídias offline como livros de literatura, contos, narrativas, livros que contemplem os conhecimentos indígenas nas diversas áreas em línguas indígenas, CDs de músicas, jornais, programas de rádio ou de televisão são quase inexistentes (Paula, 2023, p.217).

Ainda segundo a autora, “sem um uso social, as línguas indígenas caem no desinteresse dos estudantes”. Com isso, podemos observar que sem estímulos para preservação dessas línguas, a continuidade delas se torna ameaçadas devido ao menor uso das mesmas, e isso também contribui para um maior grau de ameaça das línguas indígenas.

Em função disso, observamos que diferentes comunidades indígenas fazem uso de mídias sociais, tanto *on-line* como *off-line*, para a difusão de informações e para a interação. No entanto,

notamos que a língua portuguesa ocupa o papel principal de ocorrência nessas mídias, ao lado das línguas indígenas faladas nessas comunidades.

A partir disso, podemos ver a importância de ações de fortalecimento para o avivamento da diversidade linguística. As mídias podem atuar neste papel mediador de fortalecimento, uma vez que elas fortalecem as redes sociais (Viegas, 2014). Em razão disso, ações que fortalecem as línguas em graus de ameaças “Críticas” e “Severas” auxiliam na manutenção e preservação dessas línguas.

A seguir, apresentamos um estudo de caso sobre a língua Kokama, com estratégias dos Kokama para fortalecimento de sua língua por meio de mídias *off-line* e *on-line*. Essa língua é considerada em estado de obsolescência e tem tido ações de fortalecimento linguístico e cultural (Viegas, 2014).

#### **4. A LÍNGUA KOKAMA: UM ESTUDO DE CASO**

Segundo Cabral (1995), Viegas (2014) e Almeida e Rubim (2012), o povo Kokama (também chamado de Kukama, Kokamilla ou Kokamiria) já habitava as regiões do Rio Solimões e na região do Marañon, desde XVII. Segundo as autoras, apesar de serem um povo em constante deslocamento, atualmente encontram-se entre Brasil, Peru e Colômbia. Ao longo da história, sofreram com repetidas tentativas de massacres físico, social e cultural, que contribuíram para um enfraquecimento de sua língua, e conseqüentemente, um enfraquecimento de sua cultura Kokama (Cabral, 1995).

Podemos observar isto, nas afirmações abaixo, de Almeida e Rubim (2012, p. 69):

Os efeitos da interdição da língua indígena consistiram em fatores preponderantes para que a transmissão da língua Kokama ficasse interrompida. Consoante os relatos obtidos no decorrer da pesquisa que ora estamos realizando, as crianças entendiam o que os pais e avós falavam, mas se recusavam a se expressar na língua. (Almeida; Rubim, 2012, p. 69)

A partir disso, podemos notar que ao longo da história, após diversas políticas linguísticas e sociais, a língua Kokama sofreu com ações que atrapalhavam a sua vitalidade e preservação dela. Como abordamos, segundo a ONU, uma língua com menos de 1 milhão de falantes já está

ameaçada. O povo Kokama, segundo o Censo 2010 (IBGE), possuía pouco mais de 11 mil falantes, ou seja, seguindo o critério de línguas em grau de ameaça, a língua está em risco severo de desaparecimento. A língua Kokama, em razão do histórico, necessita de ações para realizar a sua manutenção. Segundo Almeida (2001):

Trata-se de uma necessidade coletiva dos povos que perderam seu poder, marginalizando-se em grupos subculturais dentro de uma sociedade nacional. Sua primeira necessidade é a de poeticamente construir uma compreensão compartilhada do passado histórico, que lhes permita compreender sua presente condição como resultado de suas próprias maneiras de fazer história (Almeida, 2001 *apud* Simão, 2022).

Levando em consideração as autoras, há uma necessidade de realizar ações para o avivamento da língua. Com isso, podemos observar que meios que contribuem para o resgate do uso da língua em contextos tradicionais, a expansão da língua em contextos não tradicionais e a exposição a língua contínua colabora para o fortalecimento de línguas em grau de ameaça. Essas ações, conseqüentemente, auxiliam no resgate cultural e de identidade, gerando possibilidades de uma manutenção da língua.

#### **4.1 Kokama em Mídias *Off-line***

As mídias podem ter papel fundamental como ação de fortalecimento linguístico de línguas em grau de ameaça. Utilizando mídias *off-line* como exemplo, podemos ver que já existem ou foram realizados projetos que auxiliaram na manutenção de línguas, ainda que não tenham sido criadas ou planejadas para somente esse objetivo.

Podemos ver um exemplo em recursos audiovisuais como os DVDs. No âmbito do Curso de Licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões, “Material de apoio para professores Kokama”, produzido em língua Kokama, oferecido pela Universidade do Estado do Amazonas em parceria com a Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngües (OGPTB), Viegas (2014), juntamente com os professores Kokama, desenvolveu a série de DVDs denominada “Material de apoio para professores Kokama” com 3 Volumes (2009, 2010, 2011), contribuindo assim para o fortalecimento linguístico e cultural da língua Kokama. Segundo a autora

Os DVDs aqui apresentados possuem um formato com menu, em que os usuários podem escolher as opções, tais como: músicas, áudio, vídeos, aula, diálogos, histórias, pesquisa, fotos, etc. Sendo, portanto, um material didático audiovisual, o qual possibilita o ensino-aprendizagem em EaD de forma mais diversificada.

Cada volume recebeu um título na língua Kokama para assim estimular o uso da língua em materiais didáticos (Viegas, 2014, p. 318).

Figura 6 – Material de Apoio para Professores Kokama (DVD)



Fonte: Viegas (2014, p.321).

Outro recurso de mídia *off-line* utilizado pelos Kokama é o rádio. Nos anos 2000, Gracildo Kokama apresentava um programa diário de rádio, “A voz da juventude Kokama” na sua comunidade, Monte Santo - AM em São Paulo de Olivença-AM, utilizando a tecnologia Boca-de-ferro (alto-falante) (Viegas, 2014, p.378).

Outro projeto *off-line*, que podemos observar é o projeto “Voz da Ilha 100.5fm”, uma Rádio Coletiva Livre produzidas por jovens Kokama (Viegas, 2014). Como podemos ver a descrição abaixo:

Somos um coletivo de rádio livre e jornalismo popular, atuamos no bairro do Abial do Município de Tefé, com nossas atividades como: Cursos, Oficinas e

Viagens, aos mais diversos lugares de Tefé, Alvarães, Uarini, Jutai e Fonte Boa. Lutamos pela Democratização dos Meios de Comunicação e este site lhe mostrará de tudo um pouco do que acontece por aqui, somos militantes contra as dominações que a sociedade sofre atualmente (Voz da Ilha, *apud* Viegas, 2014, p.379).

Este projeto se utilizava de altos falantes (boca de ferro), para a difusão de produções colaborativas, e que também pode ser utilizado como ferramenta de fortalecimento linguístico e cultural (Viegas, 2014, p. 379). Através da exposição da língua na rádio, além de contribuir para autoestima dos falantes, sendo valorizada sua identidade, auxilia para preservação da língua.

De maneira semelhante, Ruiz (2021) nota que a Rádio *Ucamara* foi desenvolvida no início dos anos 1990 pelos *Kukama*, na cidade de Nauta, Loreto – a nordeste da Amazônia peruana. Trata-se também de uma rádio *off-line* e que visa a difusão de informações sociais, culturais e políticas dos *Kukama* peruanos, o que viria a ser feito posteriormente pelos Kokama brasileiros. Assim como a Rádio *Yandê*, os Kokama também possuíam e possuem programas em rádios web (*on-line*, Web 2.0 ou 3.0), como os programas “Rádio web Jovens comunicador@s OFC-SPO” e “Voz da juventude Kokama”.

#### **4.3 Kokama em Mídias *On-line***

Como mencionamos no capítulo anterior, a inserção de presença indígena na internet vem ocorrendo de modo substancial nas últimas décadas. Dessa maneira, as mídias *on-line* possuem papel fundamental para a expansão da língua Kokama. Viegas (2014) aponta sobre a inclusão da língua Kokama no ciberespaço, por meio da elaboração de recursos linguísticos, informáticos e culturais Kokama em mídias sociais *on-line*, como websites, *WhatsApp*, *Facebook* e *Youtube*.

Viegas (2014) realizou um “mapeamento da presença da língua Kokama no ciberespaço”, criando métodos específicos. A autora menciona, além de muitas outras ocorrências, que na mídia social *Youtube*, existe o Canal “*Proyecto de Documentación del Kukama-Kukamiria*”, onde são compartilhados conteúdos de aprendizagem da língua Kokama, incluindo a presença de nativos do Peru, que apresentam a pronúncia e a escrita de palavras em Kokama (Viegas, 2014, p.273). Neste canal, além de algumas palavras do cotidiano, também são compartilhados cantos da cultura Kokama, como podemos ver abaixo:

Figura 7 – Cantos Kukama-Kumamiria: Kaikira<sup>8</sup>



Fonte: Vallejos-Yopán (2023).

Com base nisso, podemos ver a colaboração de mídia social *on-line* para preservação de uma língua em risco. E como fator interessante, os próprios indígenas comunicadores e criadores de conteúdo informam na descrição desse canal do YouTube, trata-se de “um espaço para celebrar e promover a diversidade linguística e cultural” (tradução nossa)<sup>9</sup>. Esse espaço agora consegue ampliar o uso da língua e cultura de maneira não tradicional, contribuindo para seu fortalecimento.

<sup>8</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=rz9-QLSId4c&t=2s> >. Último acesso em 12/01/2024.

<sup>9</sup> *Un espacio para celebrar y promover la diversidad lingüística y cultural*. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC6VmilY2fdMGHnJf-tKKscQ>. Último acesso em 04/01/2024.

Além da utilização do Youtube, Rubim e Dourado (2021) citam que os Kokama utilizam bastante mídias como *Whatsapp* e *Instagram*, até mesmo aplicativos de criação de imagens como *Canva*. A utilização de aplicativos se tornou muito comum entre a comunidade, não somente os citados, mas também aplicativos Kokama.

Segundo Rubim e Dourado (2021), em 2016 foi criado o aplicativo de celular, Kokama Tradutor, com um repertório de 900 palavras, em parceria com a empresa *Fira Soft*. Observamos que, por se tratar de um aplicativo portátil e de fácil acesso, ele se trata de uma ação da Web 3.0, e que tem potencial de auxiliar nos processos de vitalização da língua ameaçada. No entanto, como o aplicativo não recebe atualizações desde 2016, não conseguimos testá-lo.

Figura 8 – Aplicativo Kokama Tradutor



Fonte: Rubim; Dourado (2021).

Durante a pandemia de Covid-19, foi desenvolvido o aplicativo Kokama Kinkin, como uma ferramenta auxiliar no fortalecimento da língua Kokama, visando mitigar alguns dos impactos da aprendizagem da língua Kokama durante o isolamento físico (Rubim e Dourado, 2021). As autoras comentam ainda que esse aplicativo foi desenvolvido em parceria com professores e estudantes de Engenharia de Software da Universidade de Brasília e que “possui mais de 3000 palavras, atividades de ensino de língua, áudio, histórias, adivinhações, entre outras

possibilidades” (2021, p. 57). Como o aplicativo não se encontra disponível para download nas lojas de app, também não conseguimos testá-lo.

**Figura 9 - Aplicativo Kokama Kinkin**



Fonte: Rubim; Dourado (2021)

Podemos observar que estes aplicativos, além de auxiliar no registro das línguas, mantendo um repositório de palavras, contribuem para aprendizagem de alunos indígenas. Estas iniciativas, com ênfase na situação em que foi criada, a pandemia do Covid-19, em que o distanciamento era necessário, a aprendizagem das línguas conseguiu ser mantido e realizado.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, buscamos compreender os graus de ameaça das línguas, com isso, entender o quão importante é o fortalecimento das línguas indígenas devido ao alto grau de ameaça em que elas se encontram. A partir desses entendimentos mostrar como as mídias sociais possuem papel mediador para o fortalecimento linguísticos, sejam elas mídias *off-line* e/ou mídias *on-line*.

Como podemos observar, as mídias sociais possuem papel importante para a preservação e manutenção de línguas. Sejam com este objetivo ou indiretamente, as mídias auxiliam no retorno do contexto usual da língua, como exposição contínua, ou mesmo, em contextos não usuais, a partir da expansão dos usos.

A partir da pesquisa realizada podemos observar o quão importante são os projetos nas mídias para fortalecer as línguas em grau de ameaça. Independentemente da mídia social, ter iniciativas que estimulam o uso das línguas indígenas contribuem para um futuro mais ameno para estas línguas em risco. E a partir deste diagnóstico, um possível próximo passo seria realizar uma pesquisa de qual mídia social pode ser mais eficiente para auxiliar no fortalecimento linguístico.

## 6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. W. B. DE; RUBIM, A. C. Kokama: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 4, n. 1, p. 67–80, 2012.

AMARAL, Luiz. Estratégias para a revitalização de línguas ameaçadas e a realidade brasileira. **Cadernos de Linguística**, v.1, 2020, pp. 01-44.

AMORIM, F. F. Povos indígenas isolados no Brasil e a política indigenista desenvolvida para efetivação de seus direitos avanços, caminhos e ameaças. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2016, pp. 19-39. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/16298>. Acesso em: 8 jan. 2024.

ASURINI, Morosopía; RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, Ana Suelly A. C.. **Livro de Relatos Asurini 2**. Belo Horizonte: FALE/UFMG; SECAD/MEC, 2007.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; DAMACENO, Taysa Mercia dos S. Souza. Desafios do BNCC em torno do ensino de língua portuguesa na educação básica. **Revista de estudos de cultura**, n. 7, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/6557/5387>. Acesso em: 09 setembro de 2023.

BOIS, Lucas; AFONSO, Juliana. **Rádio Yandê: a primeira web rádio indígena do Brasil**. (Diversidade e Inclusão) Rede de Jornalistas Internacionais. Nov 27, 2023. Disponível em: <<https://ijnet.org/pt-br/story/r%C3%A1dio-yand%C3%AA-primeira-web-r%C3%A1dio-ind%C3%ADgena-do-brasil#:~:text=No%20ar%20desde%202013%2C%20a,e%20potencializar%20a%20cultura%20ind%C3%ADgena>>. Acesso em 10/12/2023.

CABRAL, Ana Suelly A. C.. **Contact-Induced Language Change in the Western Amazon: The NonGenetic Origin of the Kokama Language**. (tese de doutorado). University of Pittsburgh, 1995.

CARNEIRO, Raquel Gomes. **Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais: a etnomídia cidadã da Rádio Yandê**. Dissertação (mestrado) \* Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2019. Orientação: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado de La Torre. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8195>>. Acesso em: 04/01/2024.

CASTELLS, M.. **A sociedade em rede: A era da informação: Economia, sociedade e cultura**. Tradução: Roneide Venancio. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CEPAL. Infográfico: **Los pueblos indígenas en América Latina**. Disponível em: <<https://www.cepal.org/pt-br/infografias/los-pueblos-indigenas-en-america-latina>>. Último acesso em 10/12/2023.

CLEMENTI, J. A. et al. Mídias sociais e redes sociais: conceitos e características. **SUCEG - Seminário de Universidade Corporativa e Escolas de Governo**, v. 1, n. 1, 2017, p. 455–466. Disponível em: < <https://anais.suceg.ufsc.br/index.php/suceg/article/view/80> >. Acesso em 08/01/2024.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Web Indígena - Inclusão de línguas indígenas no mundo digital**. 2010; Tema: Divulga as ações e parcerias do Projeto Web Indígena de inclusão digital pró-ativa de línguas e comunidades indígenas. (Site).

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha; VEIGA, Juracilda . **Portal Kaingang**. 2005; Tema: Cultura, história, língua e situação atual da etnia Kaingang. (Site).

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. (2014). Aryon Rodrigues: 70 years dedicated to Linguistics and Indigenous Languages. **DELTA - Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**. 30. 503-512. 10.1590/0102-445019423428624035.

DIAS, Renata Fetzner. **Comportamento dos Jovens do Segmento da Maioria: um estudo de caso da revista Pah!**. (Trabalho de Conclusão de Curso) Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, 2011. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37578/000822764.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

DURAZZO, Leandro; COSTA, Francisco. Línguas indígenas no Nordeste brasileiro: esboço político-linguístico de seus processos de valorização. *International Latin American Studies Review*, **Revista del CESLA**, n.30, 2022.

ESPARTEL, Lélis & BASSO, Kenny & RECH, Eduardo. (2015). O Impacto do Final de Preço no Comportamento do Consumidor Online e Offline: uma comparação entre duas mídias distintas. **Revista Administração em Diálogo - RAD**, 2015. DOI: 17. 10.20946/rad.v17i1.14946.

EVERETT, Danieř. Don' şteeř. Thefe afe snakes. New York : Pantheon Books, 2008. \_\_\_\_\_. Language: the cultural tool. New York : Pantheon Books, 2012.

EXAME. **Bolivianos traduzem Facebook para idioma aimara**. 07 de maio de 2014. Disponível: < <https://exame.com/tecnologia/bolivianos-traduzem-facebook-para-idioma-aimara/> >. Última visualização em: 01/12/2023.

FRANCO, Augusto de. **Fluzz: vida humana e convivência social nos novos mundos altamente conectados do terceiro milênio**. São Paulo: Escola de Redes, 2011.

GAKAMAN et al.. **Gãpğir ey Xagah: Amõ Anar Segah ayap mi Materet ey mame Ikõr Nih (“Histórias do Clã Gãpğir ey e o Mito do Gavião Real”)**. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB; Rondônia: Associação Gãpğir do Povo Indígena Paiter Suruí, 2011.

GARCIA, Elisa Frühauf. O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e a sua aplicação na América meridional. (Dossiê: Os índios na História: abordagens interdisciplinares). **Tempo**, v. 12, n. 23, 2007.

GONÇALVES, S. A. Por um planejamento linguístico local. **Revista Investigações**, v. 22, n. 2, p. 205–237, 15 nov. 2009.

GRENOBLE, Lenore; WHALEY, Lindsay. **Endangered Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

IBGE. **Censo Demográfico**. 2010. Disponível em: <  
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html>>.  
Acesso em 08/01/2024.

IBGE. **Indígenas | Primeiros resultados**. In: Censo Demográfico. 2022. Disponível em: <  
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html?edicao=37417>>. Acesso em: 08/01/2024.

IPHAN. **Diversidade Linguística Indígena: estratégias de preservação, salvaguarda e fortalecimento**. 2020, p.86.

LINHARES, G., & SOUSA, S. A., RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola. Fragmentum, v.46, (1986) 2016, pp. 311–314.

JOURDAN, Christine & TUIITE, Kevin. **Language, Culture and Society**. New York: Cambridge University Press, 2006.

MAHER, T. M. Sendo Índio na Cidade: Mobilidade, Repertório Linguístico e Tecnologias. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 40, 2016, pp. 58–69.

MALDONADO, Alberto; TUPINAMBÁ HÃ HÃ HÃE, Anápuaka; & CARNEIRO, Raquel. “Você Ouve a Rádio Yandê, a Rádio de Todos Nós”: a construção de uma etnomídia indígena cidadã. **Contracorrente**, v.17, n.2, 2021, pp. 8-30.

**MALOCA: Revista de Estudos Indígenas**. Disponível em: <  
<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/maloca>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

"**MÍDIA**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023, Disponível em: <  
<https://dicionario.priberam.org/m%C3%ADdia>>. Acesso em 12/01/2024.

MORELLO, R. Censos nacionais e perspectivas políticas para as línguas brasileiras. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 33, 2016, p. 431–439.

NASCIMENTO, Marcia Gojten; MAIA, Marcus; WHAN, Chang. Kanhgág vĩ jagfe - ninho de língua e cultura kaingang na terra indígena Nonoai (RS) – uma proposta de diálogo intercultural com o povo Māori da Nova Zelândia. **Revista Linguística** / Revista do Programa de Pós-

Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. v.13, n.1, 2017, pp. 367-383.

PAULA, Eunice Dias de. Línguas Indígenas na Contemporaneidade. Goiânia, **Revista Habitus**, v. 21, n.1, 2023, p.209-222.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. As Línguas Gerais Sul-Americanas. **Papia – Revista de Crioulos de Base Ibérica**, v.42, n.2, 1996, pp.6–18.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas indígenas brasileiras**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **As consoantes do Proto-Tupí**. Em: Rodrigues, Aryon D. & Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (orgs.), *Línguas e culturas Tupí*, v.1. Campinas: Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, 2007, pp.167-203.

RUBIM, A. C.; DOURADO, S. B. Remando nas Redes Sociais: o Desafio da Educação Escolar Kokama em Tempos de Pandemia. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, Goiânia, v. 25, n. 1, 2022, pp. 43–60. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/lep/article/view/71630>. Acesso em: 10 dez. 2023.

RUIZ, Flor. A Rádio Ucamara luta contra COVID-19 na selva peruana enquanto revitaliza a língua e a cultura Kukama. **LatAm Journalism Review Knight Center**, 2021. Disponível em: <<https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/a-radio-ucamara-luta-contra-covid-19-na-selva-peruana-enquanto-revitaliza-a-lingua-e-a-cultura-kukama/>>. Acesso em 04/01/2024.

SAPIR, Edward. **Culture, Language and Personality**. (selected essays edited by David G. Mandelbaum). Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1949.

SCANNELL, K. **Translating Facebook into Endangered Languages**. Proceedings of the 16th Foundation for Endangered Languages Conference, 2012. Disponível em: <<https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=557eac9471ad83fbca96d5e19ccc386bf25c2049>>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SILVA, Ariel P. C.. **Elementos de fonologia, morfossintaxe e sintaxe da língua Avá-Canoeiro do Tocantins** (Dissertação de Mestrado). Brasília: PPGL/LIP/IL, 2015.

SIMÃO, I. T. Princípios da educação escolar indígena no resgate da língua Kokama. **Revista Científica FESA**, [S. l.], v. 1, n. 16, 2022, pp. 52–70. Disponível em: <https://revistafesa.com/index.php/fesa/article/view/166>. Acesso em: 9 dez. 2023.

SOARES, Ivonete N.; ROCHA, Patrícia Graciela da. Políticas linguísticas: entre a cooficialização das línguas indígenas e a assimilação cultural. **Organon**, Porto Alegre, v. 38, n. 75, 2023.

THOMASON, Sarah. **Endangered Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

TOLIVER, Grayson Wellington. **Políticas Linguísticas para Línguas Indígenas: normas, leis e práticas em mato grosso do sul.** (Dissertação de Mestrado). PPGEL/UFMS, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufms.br/retrieve/a5dec24-6048-435e-8568-d3c9a4d8e348/Grayson%20W%20Toliver%20-%20Dissertacao%20-%20Politicass-Linguisticas-para-Linguas-Indigenas.pdf>>. Acesso em: 11/12/2023.

UNESCO. **Atlas of the World's Languages in Danger.** United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2011.

VALLEJOS-YOPÁN, Rosa. **Cantos Kukama-Kukamiria: Kaikira** (Proyecto de Documentación del Kukama-Kukamiria). 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rz9-QLSId4c>>. Acesso em: 05/01/2024.

VAZ, Antenor. Isolados no Brasil: Política de Estado, da tutela à política de direitos - uma questão resolvida? **IWGIA**, Informe 10, 2011. Disponível em: <[https://www.iwgia.org/images/publications//0506\\_informe\\_10.pdf](https://www.iwgia.org/images/publications//0506_informe_10.pdf)>. Acesso em 08/01/2024.

VELDEN, Felipe Vander. Referências em estudo - Controvérsias sobre natureza, cultura e etnicidade dos povos indígenas isolados em Rondônia. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, Volume 14, 2022, pp.241-276.

VERMELHO, S.C., VELHO, A.P. M., BERTONCELLO, V. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 4, 2015, p. 863-881.

VIEGAS, C. W. **Natureza e Direções das mudanças lingüísticas observadas entre os últimos falantes do Kokama nativos do Brasil.** Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Lingüística-PPGL da Universidade de Brasília-UnB, 2010.

VIEGAS, C. W. **Línguas em rede: para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama.** 2014. 467 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.